



Transparência, sim. Decência também.

A Teoria da Administração das empresas surge com os trabalhos clássicos de Taylor, Fayol e Ford, no início do século XX. É a escola conhecida como Administração Científica, voltada à otimização do tempo e custos da produção industrial.

Mais tarde vieram os trabalhos de Maslow, McGregor e outros, que analisavam aspectos psicológicos e comportamentais do ser humano, focando no impacto que a motivação das pessoas trazia à produtividade das empresas.

Modernamente, ganhou grande atenção a Governança Corporativa, com sua preocupação em adicionar princípios éticos à busca pelo lucro, além da inclusão de controles voltados aos chamados *stakeholders*: fornecedores, clientes, investidores, órgão públicos, comunidades, enfim, todos os interessados envolvidos nas atividades da empresa – e não apenas seus sócios e empregados.

Dentre esses princípios éticos, cabe destacar a **transparência**, que envolve informar tudo o que possa afetar os interesses dos *stakeholders*.

Evidentemente, a transparência só irá funcionar se exercitada de maneira honesta. E é aí que entra outro princípio, desta vez pessoal e que vem mesmo antes de qualquer característica empresarial: a **decência**.

Entendida como “ação dentro das regras morais e éticas da sociedade”, a decência deveria ser implícita, eis que aprendida desde a mais tenra infância. Chamada “integridade” no mundo empresarial e “decoro” no meio político, a decência parece estar em falta em ambos.

De nada adianta exortar transparência em Ministérios e manuais corporativos se faltar decência a quem ocupa aqueles ou redige esses.



*Let none presume
To wear an undeserved dignity.
Oh, that estates, degrees and offices
Were not derived corruptly and that
clear honor
Were purchased by the merit of the
wearer!*

*Que ninguém ouse
Arrogar-se honras imerecidas.
Ah, se propriedades, posições e
cargos
Não se originassem da corrupção
e se honrarias
Só fossem conquistadas pelo mérito!*

*Príncipe de Aragão, personagem de
“O Mercador de Veneza”*

(William Shakespeare)

William Shakespeare dispensa apresentações. Maior escritor de língua inglesa de todos os tempos e mais influente dramaturgo do mundo, “O Bardo” teve suas peças traduzidas para todos os principais idiomas modernos e sua influência na literatura ocidental só é superada pela Bíblia.

Na teoria das pulsões de Freud e na Marcha Nupcial de Mendelssohn. Na obra de Machado de Assis e no Rei Leão da Disney. No pensamento econômico de Karl Marx e nos quadros de Salvador Dali. A obra de Shakespeare está em todo o lugar e as frases de seus personagens seguem refletindo, nos dias de hoje, as paixões e angústias de cada um de nós.



Estudo de Salvador Dali para cenário da peça “As You Like It”, de Shakespeare, dirigida por Luchino Visconti em 1948.